

O BANCÁRIO

O único jornal diário dos movimentos sociais no país

Edição Diária 9198 | Salvador, quinta-feira, 30.10.2025

Presidente em exercício Elder Perez



SAÚDE MENTAL

Mente exausta

No Brasil, o trabalho virou gatilho de adoecimento para algumas categorias e os bancários se destacam. Gerentes (37,7%) e escriturários (18,77%) são os que mais se afastam

por transtornos mentais, vítimas da pressão, da cobrança e da solidão nas agências. A corrida do capital pelo lucro cobra um preço alto: a saúde do trabalhador.

Página 3

Lucro contrasta com demissões

Página 2



STF freia abusos dos planos contra idosos

Página 4



Lucro contrasta com demissões

Balanco de R\$ 11,5 bilhões não impede cortes de vagas e fechamento de agências

ROSE LIMA
imprensa@bancariosbahia.org.br

O **SANTANDER** registrou lucro líquido de R\$ 11,52 bilhões entre janeiro e setembro deste ano, R\$ 4 bilhões apenas no terceiro trimestre, conforme balanço divulgado ontem. Por trás do desempenho expressivo, porém, está uma gestão marcada por assé-



dio, adoecimento e demissões em massa.

Nos últimos anos, o banco espanhol reduziu drasticamente o quadro de pessoal. O número de bancários caiu 50,4%, passando de 36.743 em 2019 para 18.230 em 2024, aponta o Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos).

Não para por aí. Entre junho de 2024 e junho de 2025 foram encerradas 558 agências e unidades bancárias, queda de 2.446 para 1.888 unidades físicas de atendimento em todo o país. Boa parte do lucro recorde, portanto, é resultado de demissões, do fechamento de agências, da terceirização irregular e de uma gestão marcada pela pressão por metas e adoecimento.

Os clientes também sentem. Com menos agências e equipes reduzidas, o atendimento é cada vez menos humanizado. Ao mesmo tempo, as tarifas continuam elevadas e, muitas vezes, abusivas. Segundo o próprio Santander, o “bom desempenho” do período se deve à melhora na rentabilidade — ou seja, ao aumento do lucro sobre o capital administrado — e ao crescimento dos ganhos obtidos com os clientes.

Livros contra alienação digital

O **DIA** Nacional do Livro, celebrado ontem, reforça a urgência de recuperar o hábito da leitura como instrumento de formação crítica e emancipação humana. A substituição das páginas pelas telas, intensificada pelo avanço tecnológico, transformou o gesto de folhear em deslizar os dedos, um símbolo da superficialidade informacional imposta pelo ritmo das redes.

A falsa sensação de “conectividade” é usada como alívio para famílias sobrecarregadas, enquanto crianças passam a infância mergulhadas em estímulos rápidos, dispersos e sem profundidade. A rotina de consumo acelerado de conteúdo digital fragiliza o desenvolvimento emocional e intelectual, reduzindo a capacidade de concentração e reflexão.

O livro, ao contrário, é ferramenta de construção da consciência. Estimula o pensamento crítico, amplia o vocabulário e fortalece a

sensibilidade humana, bases indispensáveis para a formação de cidadãos capazes de interpretar o mundo e transformá-lo.



TEMAS & DEBATES

Operação fracassada no RJ

Álvaro Gomes*

Segundo notícias da grande imprensa, estamos diante da operação mais letal da história do Rio de Janeiro. Sob a justificativa de prender membros de facções criminosas, a ação resultou em 134 mortes até o momento. Não se tem informações precisas dos mortos. Fala-se em 4 policiais e os demais estão no anonimato, seguramente muitos inocentes.

Não se combate o crime organizado com execuções ou com declaração de guerra às drogas. É fundamental que haja um trabalho integrado com as três esferas governamentais, envolvendo os governos federal, estadual e municipal com foco na investigação, planejamento, inteligência e bloqueio financeiro dos recursos ilegais das organizações criminosas. O governo federal apresentou uma proposta neste sentido, a qual foi criticada por governos estaduais, inclusive o do Rio de Janeiro.

O Rio de Janeiro, assim como vários estados, vem sendo ocupado por organizações criminosas; 3,7 milhões de habitantes em 2020 estavam em áreas dominadas pelo crime organizado; as milícias controlavam 57% da área da cidade (G1-Rio, 19/10/25). As operações, no geral com alta letalidade, não têm resolvido o problema de segurança pública, até porque parte do crime organizado está incrustada na estrutura de poder.

Em 2019 foram apreendidos na casa de um amigo de Ronnie Lessa, assassino de Mariele Franco, morador do condomínio de Jair Bolsonaro, 117 fuzis. Pelo crime ele foi condenado a 13 anos de prisão. Adriano da Nobrega, do sindicato do crime, líder de um grupo de extermínio, um dos mais perigosos milicianos do Rio, foi visitado por Jair Bolsonaro e seu filho Flavio Bolsonaro quando esteve preso entre 2004 e 2005. A família Bolsonaro homenageou pelo menos 16 policiais denunciados como integrantes de organizações criminosas, inclusive o próprio Adriano da Nóbrega, ex-policia.

Segundo o Ministério Público do Rio e a Polícia Federal, o então deputado da base do governador Cláudio Castro, Thiego Raimundo dos Santos Silva, o TH Joias, fazia parte de uma quadrilha denunciada por intermediar a compra e venda de drogas, armas e equipamentos antidrones para organizações criminosas. Ele foi preso em 03/09/2025.

Não se combate as organizações criminosas com tiros e bombas, matando indiscriminadamente as pessoas e ao mesmo tempo fazendo parte e protegendo os verdadeiros chefes das organizações e pedindo a Trump que invada o Brasil bombardeando as cidades como solução para o grave problema.

*Álvaro Gomes é diretor do Sindicato dos Bancários da Bahia e presidente do IAPAZ
Texto com, no máximo, 1.900 caracteres

Trabalho bancário cada vez mais precário no Brasil

A **PRECARIZAÇÃO** do trabalho bancário tem se tornado cada vez mais evidente no Brasil. A Bahia é um exemplo. Em diversos municípios, o fechamento de agências provoca o colapso do atendimento e o adoecimento dos trabalhadores que permanecem em atividade.

Um dos casos caóticos envolve o Banco do Brasil, que em algumas cidades passou a receber toda a demanda de clientes do Bradesco, após o fechamento das unidades. O resultado são filas extensas, sobrecarga de trabalho e aumento do estresse entre os funcionários.

Em locais onde o atendimento exige nove bancários, há apenas quatro ou cinco profissionais. Em alguns casos, apenas dois tentando dar conta de todos os clientes.

A redução drástica do quadro de pessoal e a alta demanda elevam o adoecimento físico e mental dos trabalhadores, que enfrentam metas abusivas e a cobrança constante por produtividade. Entre os municípios mais afetados estão Serra Dourada, Cocos, Tucano e Monte Santo.



Sem o Bradesco, clientes migram para o BB



O preço das metas

Sob forte pressão, bancários adoecem. As metas abusivas enlouquecem qualquer um

CAMILLY OLIVEIRA
imprensa@bancariosbahia.org.br

A **CRISE** da saúde mental no trabalho é uma realidade que expõe a estrutura desigual do mercado brasileiro. Motoristas de ônibus, gerentes e escriturários de banco, técnicos de enfermagem e vigilantes lideram os afastamentos por transtornos mentais e comportamentais reconhecidos como doença ocupacional.

Só no ano passado foram mais de 470 mil afastamentos por problemas de saúde mental, aumento de 66% em relação a 2023. Os dados são da Smartlab, plataforma do MPT (Ministério Público do Trabalho) e da OIT (Organização Internacional do Trabalho) com base no INSS (Instituto Nacional de Seguro Social).

Entre todas as categorias, o setor bancário é o que mais se destaca, negativamente. As metas sufocantes, pressão e competição transformaram o trabalho em um terreno

fértil de desgaste emocional. No caso dos gerentes, 37,76% dos 13 mil afastamentos foram reconhecidos como doença do trabalho, índice mais alto entre todas as profissões. Entre os escriturários, foram mais de 23 mil afastamentos, sendo 18,77% diretamente ligados às condições laborais.

O que antes era prestígio e estabilidade virou espaço de tensão permanente. A pejetização, o avanço da digitalização e da IA, que reduz equipes e amplia jornadas, elevaram o clima de medo e exaustão. A competição, vendida como motivação, virou combustível para o adoecimento coletivo.

As consequências se refletem no sistema previdenciário e nos próprios bancos. O MPT alerta que o problema não é individual, mas estrutural. A ausência de políticas de prevenção, escuta e acompanhamento psicológico mostra o Brasil que ainda trata o sofrimento mental como fraqueza, e não como sintoma social. No espelho do adoecimento, os bancários aparecem como símbolo de uma economia que precisa escolher entre metas que enriquecem poucos e a dignidade de quem faz o sistema funcionar.



Envelhecer com dignidade

STF proíbe reajuste em convênio médico depois dos 60 anos

JÚLIA PORTELA
imprensa@bancariosbahia.org.br

O STF (Supremo Tribunal Federal) formou maioria para proibir reajustes de planos de saúde aplicados exclusivamente em razão da idade de beneficiários com 60 anos ou mais, uma medida que corrige uma injustiça histórica. A decisão é um avanço fundamental na defesa dos direitos da população idosa.

A Corte estabeleceu que a simples progressão etária não pode ser usada como justificativa para elevar mensalidades, independentemente do tipo de contrato. A medida impõe um limite à lógica mercantil que transforma o envelhecimento em motivo de exclusão e precarização do acesso à saúde. O entendimento também uniformiza a proteção jurídica dos cidadãos, valendo para contratos antigos e novos.

O julgamento abre ainda a possibilidade de revisão de reajustes passados que tenham sido aplicados sob a justificativa da idade. Planos que penalizaram o idoso apenas por completar 60 anos agora poderão ser contestados judicialmente, fortalecendo a luta por uma saúde mais justa e acessível.

Na prática, o Supremo reafirma o princípio da dignidade humana diante do poder econômico dos planos privados, que há anos impõem aumentos desproporcionais a quem mais necessita de cuidado. A medida é um freio necessário à financeirização da saúde, que trata a vida como produto e o envelhecimento como custo.



Saúde é direito e independe de idade



SAQUE

Rogaciano Medeiros

ANORMAL, CLARO A segurança pública hoje preocupa e assusta o Brasil todo, a criminalidade alcançou níveis intoleráveis, realmente enfrentar o problema requer rigor, mas também exige inteligência. Na perspectiva do Estado democrático de direito, da civilidade, não dá para considerar normal a operação policial no Rio que só em um dia matou 64 pessoas. A matança não resolve o problema.

É NECROPOLÍTICA A mais letal operação policial já feita na história do Rio, com mobilização de 2,5 mil policiais e 64 mortes nas favelas do Alemão e da Penha, reflete fielmente a necropolítica ultraliberal do governador Cláudio Castro (PL), bolsonarista da pior espécie, da mesma estirpe de Tarcísio de Freitas (PR), de São Paulo. É possível, sim, combater a criminalidade sem carnificina.

IGUAL BOLSONARO O teatro de horrores de Cláudio Castro (PL), apoiador de anistia para golpistas e coligado de Eduardo Bolsonaro, culpado pelo tarifaço de Trump contra o Brasil, já acumula 330 mortes em 74 operações policiais, segundo a Folha. Assim como o chefe Bolsonaro, o governador do Rio é adepto da tese de que “bandido bom é bandido morto”. É o ultraliberalismo fascinizista.

NEUTRALIZAR FAKES É sempre bom deixar claro, para desmascarar as *fake news* bolsonaristas. Constitucionalmente, segurança pública é atribuição dos estados, que têm fracassado vergonhosa e perigosamente. Isto não quer dizer que a União esteja isenta e o governo federal tem se esforçado para ajudar, inclusive com uma PEC, rejeitada pelo governador do Rio, Cláudio Castro (PL).

MESMA LINHAGEM Fácil identificar a necropolítica da extrema direita em nível global. Bolsonaro tenta golpe de Estado no Brasil, Netanyahu promove o genocídio do povo palestino em Gaza, Trump espalha morte no Caribe e no mundo, o governador Cláudio Castro (PL) se vangloria por matança em favelas do Rio. Mesma linhagem político-ideológica. No popular, são da mesma laia.

A tragédia dos órfãos da pandemia de Covid

O BRASIL ainda carrega uma das faces mais cruéis da pandemia com 284 mil crianças e adolescentes órfãos de pais, mães ou cuidadores por causa da covid-19. O levantamento, conduzido por pesquisadores do Imperial College London, USP, Oxford e CDC dos Estados Unidos, e publicado na *The Lancet Regional Health – Américas*, revela uma tragédia social que segue invisível.

Sem uma política nacional de amparo, as crianças foram deixadas à própria sorte, enquanto o país ainda tenta contabilizar o



Brasil ainda não tem políticas públicas para lidar com os órfãos da Covid

impacto humano de uma crise sanitária marcada por negligência

e desinformação. Durante o governo Bolsonaro, o negacionismo

custou vidas e destruiu famílias.

A ausência de uma coordenação nacional, o atraso na compra de vacinas e a banalização da morte deixaram um rastro profundo. As mais de 700 mil mortes por Covid-19 se transformaram também em 284 mil histórias de órfãos, 70% delas de crianças que perderam o pai e 160 que perderam ambos os pais. O abandono expôs a desigualdade de sempre: as maiores taxas estão em estados pobres, como Rondônia e Pará, onde a cobertura vacinal foi menor.